

Educação Profissional e mercado de trabalho: reflexão crítica

Rita Oliveira de Carvalhoⁱ

Universidade Regional do Cariri, Crato, CE, Brasil

Arlane Markely dos Santos Freireⁱⁱ

Secretaria Municipal de Educação, Crato, CE, Brasil

Edna Xenofonte Leiteⁱⁱⁱ

Universidade Regional do Cariri, Crato, CE, Brasil

1

Resumo

Com a suspensão das aulas presenciais, provocada pela disseminação da Covid-19, a educação de vários países passou a adotar o ensino remoto. No Brasil, tal cenário, que se inicia em março de 2020, contribui para o aumento das desigualdades sociais. O ensino em meio a tantas crises econômicas, sociais e políticas têm sobrevivido, mas encontra dificuldades, entre elas, a garantia de acesso dos alunos as atividades remotas nesse período pandêmico. Neste contexto, os questionamentos sobre a relação entre a educação profissional e o mercado de trabalho dentro do cenário de crise econômica tem início antes da pandemia. O presente trabalho tem como objetivo refletir acerca dessa relação. O texto resulta de revisão bibliográfica acerca da temática e aponta para os principais desafios da educação na sociedade capitalista.

Palavras-chave: Educação Profissional. Mercado de Trabalho. Reflexão Crítica.

Professional education and the labor market: critical reflection

Abstract

With the suspension of in-person classes, caused by the dissemination of Covid-19, education in several countries started to adopt remote learning. In Brazil, this scenario, which begins in March 2020, contributes to the increase in social inequalities. Teaching in the midst of so many economic, social and political crises has survived, but faces difficulties, including the guarantee of students' access to remote activities in this pandemic period. In this context, the questions about the relationship between professional education and the labor market within the scenario of economic crisis that begin before the pandemic. The present work has as its main objective to reflect about this relationship. The text results from a literature review on the subject and points to the main challenges of education in capitalist society

Keywords: Professional education. Labor market. Critical Reflection.

1 Introdução

A educação é fundamental para o processo de transformação do sujeito na sociedade, possibilitando conhecimentos necessários para a ampliação de novos horizontes. Contudo, estamos enfrentando nas últimas décadas crises econômicas e políticas que afetam diretamente a educação. Inseridas em um contexto de reconfiguração de um Estado que se orienta pela ideologia neoliberal, essas crises também são caracterizadas por ajustes em todas as esferas, e que desde 2020 têm se agravado com as medidas de distanciamento social recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), como forma de conter a disseminação da Covid-19. Vinculam-se a esse contexto o agravamento das desigualdades sociais que atinge, principalmente, os sujeitos mais pobres, entre estes os jovens.

Para Mészáros (2011) estamos vivenciando uma crise mais profunda por não ser cíclica, atingindo cada vez mais as camadas pobres dos países em desenvolvimento e atingindo em maior escala os países periféricos como o Brasil, que colocam a educação como solução de problemas existentes na sociedade. A crise estrutural tem caráter global e, até mesmo nos países desenvolvidos, as contradições estão sendo postas em relevo. De acordo com Afonso (2020), na atual conjuntura pandêmica, o que há é a contínua convivência do Estado com o aprofundamento das desigualdades e a preservação do capitalismo.

Este artigo tem como objetivo fazer uma reflexão crítica sobre a relação entre a Educação Profissional e o mercado de trabalho, buscando apontar os principais desafios do ensino dentro do contexto de crise. Os caminhos que levaram a esta pesquisa foi refletir enquanto pesquisadoras, professoras da Educação Básica e do Ensino Superior, de que forma a educação tem sido utilizada como mercadoria, fundamentado na compreensão de que tal uso ficou ainda mais explícito no contexto de pandemia.

Com o aumento de desempregos no Brasil, e em outros países, a precarização estrutural do trabalho em longa escala fica visível na sua própria desvalorização, que aumentou intensamente os subempregos que surgem como caráter de exploração ao trabalhador. Para sobreviver a todo este caos que estamos atravessando na sociedade muitas pessoas aceitam a proposta da exploração da

mão de obra barata pelo alimento, pela sobrevivência. Para Mészáros (2011) esse horizonte atinge cada vez mais a camada pobre da sociedade.

Na educação este cenário de desigualdades têm afetado ainda mais os alunos que apresentam dificuldades para acessar os meios digitais utilizados pelo ensino remoto no período de pandemia, que no Brasil tem início em março de 2020. Muitos jovens não dispõem de acesso à internet, o que nos faz refletir sobre a falta de mais investimentos em políticas públicas que favoreçam condições necessárias para que as pessoas não precisem trabalhar antes de completar a maioridade. Porém, é preciso ressaltar que diante uma sociedade marcada pela ausência de mais investimentos em educação que garanta o ensino de qualidade a todos, o jovem está inserido em uma política de Estado que tende a garantir um mínimo, fincado em um contexto de crise, como citado anteriormente. E como bem destaca Afonso (2020), os efeitos da crise financeira de 2008-2009 e as consequências que já se fazem sentir da recessão econômica provocada pela Covid-19 não param.

3

2 Metodologia

Tem por base a revisão bibliográfica de pesquisas que tratam sobre trabalho e educação, a crise estrutural do capital, educação profissional e a crise pandêmica. Entre os autores que foram fundamentais para a compreensão do objeto de estudo destacam-se, Mészáros (2011), Afonso (2020), Mendes Segundo (2005), Sousa Junior (2010), entre outros.

O texto está organizado em quatro partes. Inicialmente, a introdução que faz a contextualização do tema abordado, em seguida apresenta os resultados e discussões referentes a educação profissional e o mercado de trabalho. Por fim, as considerações finais que apontam reflexões referentes ao que foi analisado no texto.

3 Resultados e Discussões

Como podemos analisar, em tempos atuais, a adulteração da educação em meio à crise estrutural do capital é alarmante e só cresce a cada dia. Podemos fazer

essa análise quando assistimos a unificação do ensino ao mercado de trabalho. Sobre isso, Sousa Junior (2010, p. 162) aponta que,

O princípio da união trabalho e ensino, por exemplo, é uma formulação que pressupõe a expansão das realidades do trabalho e da escola com momentos da reprodução social que traziam no seu bojo os elementos explosivos necessários para a formação do sujeito social potencialmente revolucionário: a criação de uma imensa massa assalariada sob o comando do capital, que partilhava as mesmas agruras do trabalho/alienado/estranhado, que se aglomerava sob semelhantes condições de existência em bairros operários, que criava suas próprias formas e instrumentos de autoeducação e de luta política como sindicatos, partidos etc. e dividida a mesma realidade de educação em instituições formais de ensino etc.

4

A relação entre a educação e o mercado nos fazem refletir sobre a desqualificação dessa unificação, pois as transformações que devem ocorrer na educação são inconcebíveis para que ocorram mudanças radicais de melhorias exitosas. A educação se encontra também permeada de agressividade que gera a cada dia uma desigualdade, dualidade com caráter ideológico, da reprodução do sistema capitalista.

Nessa direção, os jovens pobres necessitam de uma educação que propicie uma formação humana, completa, que desenvolva no sujeito uma criticidade ampla e aprofundada. Uma educação que contribua com a aprendizagem significativa e com a sua inserção na sociedade contemporânea, na qual enfrentamos desafios, conflitos, desigualdades, opressão, entre tantos outros problemas que necessitam de enfrentamento diário. Nessa esteira, é pertinente abordar o que cita Sousa Junior (2010, p.162).

Assim, a educação para o trabalho, isto é o treinamento dedicado aos que são lançados no mundo das incertezas e de feroz competitividade, passa a se distanciar cada vez mais da formação de razoável qualificação vinculada ao emprego formal e estável. Esse tipo de educação para o trabalho, atualizado pelas circunstâncias do capital mundializado e financeirizado na periferia capitalista, se estriba numa concepção, de formação, ou melhor, de treinamento, de acordo com as exigências do mercado [...].

O que identificamos na sociedade atual são propostas de ensino que o unificam ao trabalho, levando estes alunos a acreditarem na possibilidade de

crescimento profissional quando, na verdade, o que temos é uma classe burguesa que impõe um processo de aligeiramento de ensino e formação técnica. Diante deste fato, o jovem deve refletir de forma crítica em seu cotidiano com vistas a transformar essa proposta. A educação hodierna corresponde a uma dualidade fortalecida de neoliberalismo, voltada para o sistema capitalista atrelado à classe burguesa, multiplicando o envolvimento da educação e trabalho com o avanço capitalista nas esferas educacionais para uma formação de produtividade do ensino.

Levando em consideração que a educação é fundamental para o desenvolvimento do ser humano, no que se refere à apropriação dos conhecimentos universais, é necessária uma compreensão crítica da realidade. Afinal, a educação brasileira é marcada por iniciativas de competitividades, presentes na “era da globalização”, que, de acordo com Santos (2017) é caracterizada como a solução de diversos problemas relacionados à pobreza. Esse complexo educativo passa a ser usado de duas formas diferentes: um ensino voltado para a elite, que forma o aluno para uma universidade com um conhecimento aprofundado; e uma educação ofertada para os jovens pobres, voltada para mecanização da prática e da técnica profissional (SANTOS, 2017).

O capitalismo visa o lucro cada vez mais acelerado e, como delinea Sousa Junior (2010, p. 05), “a união trabalho e ensino refere uma formação limitada na medida em que diz respeito aos conteúdos e atividades produtivas e de instituições ou formas educacionais determinadas”. A educação passa a ser pauta no capitalismo em crise, em que o Banco Mundial (BM), o Fundo Monetário Internacional (FMI), entre outros organismos internacionais assumem as diretrizes da Educação no âmbito Mundial. Esses organismos impõem recomendações aos países envolvidos na Organização das Nações Unidas (ONU) para cumprimento de metas educacionais, sustentabilidade econômica e fortalecimento do capital.

No propósito de retomar o crescimento da taxa de lucros e expandir o ideário neoliberal, o Banco Mundial passa a ser órgão representativo de políticas para alcançar tal objetivo, por meio de fomento de modernização da estrutura produtiva e institucional do capital, recomendando aos governos do país periférico a redução de seus déficits fiscais, mediante a reorganização de recursos públicos. Assim ao se utilizar de argumento da

diversificação da economia, da deficiência e da liberação dos preços e do comércio exterior, o Banco Mundial impõe severas políticas de ajuste econômico aos chamados “países em desenvolvimento”. Entre as principais medidas, estão a privatização dos serviços públicos e o direcionamento das políticas educacionais voltadas para o mercado (MENDES SEGUNDO, 2005, p. 35).

6

O que podemos identificar é um crescimento acelerado da venda da educação ao mercado a favor de lucros para o capital que se encontra em crise profunda. A função do Banco Mundial é financiar a educação e, em troca, obter lucros. Sabemos que a educação deve propiciar um desenvolvimento omnilateral do sujeito, levando-o a desenvolver sua própria criticidade no seio da sociedade, diferentemente da realidade das últimas décadas, na qual temos um ensino voltado para os jovens pobres com formação precarizada e aligeirada. Para Paula, Moraes e Costa (2013, p. 183),

O capital em crise estrutural tem acarretado enormes prejuízos à formação humana, uma vez que de maneira agudizada, ainda mais desumana do que nas suas crises cíclicas, atinge todos os complexos sociais, forçosamente tentando driblar uma situação desesperadora para seu sistema metabólico. Alicerçada pela própria lógica da sociabilidade capitalista e consubstanciada na relação antagônica entre capital e trabalho, a crise que hora atravessa a sociabilidade do capital- desfere contundentes golpes na classe trabalhadora, muitas vezes falseadas por promessas e ilusões de humanização.

Na citação em análise é possível identificar a desumanização existente na sociedade que se encontra alicerçada ao sistema capitalista, aprofundando a crise estrutural que estamos vivenciando em todas as esferas da sociedade, e provocando, dessa forma, um caos tanto nas esferas educacionais, quanto em todos os setores existentes na sociedade. Assim, como pontua Mendes Segundo (2005, p. 39):

No contexto neoliberal, a educação resgata a teoria do capital humano (TCH) adotando algumas especificidades em relação à definição do aparelho estadual e conseqüente descentralização da gestão da educação pública municipalização. O Estado entrou, portanto, num processo, para atender o mercado e propiciar “determinada qualificação” da mão de obra por meio da educação básica.

A educação básica, especificamente a educação para o pobre, assumiu a forma de trabalho assalariado, mantendo o sequestro de classes quanto à função ontológica do trabalho e buscando uma mão de obra na oferta de qualificar os jovens para o mercado de trabalho, de modo que estes tenham uma “profissão”, através da qual devem vender sua força de trabalho para o mercado capitalista. Dessa forma, Lessa e Tonet (2011, p. 14) corroboram que “[...] é necessário que a humanidade se emancipe da exploração da opressão”. Ou seja, do trabalho alienado e explorador. Isso nos lembra o que Santos e Bertoldo (2015, p. 198) apontam,

O que fica claro nessa análise é que existe uma escola de classe: aquela que atende a classe dominante, que é a escola de ensino médio com perfil de continuidade, ou seja, que possibilita o acesso a educação superior. E contrariamente, também uma escola de ensino médio que atende à classe trabalhadora, com perfil de terminalidade, ou seja, uma escola comprometida com a lógica do capital, que visa formar o trabalhador tendo em vista o mercado de trabalho, a partir de muitos limites, quer na estrutura material, quer na formação.

É dessa forma que acontece a educação para o pobre nos países periféricos, dentre eles o Brasil, ocorrendo uma divisão de ensino, onde a classe menos privilegiada, o pobre, sofre com toda essa transformação, clamando por melhorias no sistema de ensino e em todas as outras esferas da sociedade. Nessa esteira, dizem Freres, Rabelo e Mendes Segundo (2008, p.5) que “o capital na medida em que se avança, reduz o trabalho vivo, propiciando a classe proletariada o aumento do desemprego que se alastra para a miserabilidade”. Continuam as autoras: “percebemos que a função atribuída à educação como redentora das desigualdades sociais como se ela não fosse produzida pelo tipo de organização social em que mantém os indivíduos presos à lógica do capital” (2008, p. 56).

Para Freres, Rabelo e Mendes Segundo (2008), essa crise envolve uma exploração do trabalho cotidiano, que a cada dia mata o homem em seu sentido de vida, levando a população pobre a um verdadeiro caos, tanto nas esferas educacionais quanto em outras esferas da sociedade.

Essa dominação ocorre com o objetivo de aprisionar as esferas educacionais a favor do sistema neoliberal, como afirmam Freres, Rabelo e Mendes

Segundo: “é um erro, pois querer que a educação resolva os problemas da humanidade que foram gerados pelo tipo de organização social que aprofundou o contraste entre pobreza e riqueza” (2008, p. 8). Continuam as autoras: “a educação nunca vai resolvê-los, pois enquanto o capital continua como sistema urgente, a humanidade agonizará” (2008, p. 8).

Essa união entre educação e trabalho está atrelada ao sistema da classe burguesa que, de forma acelerada, busca financiar a educação, transformando essa em mercadoria, obtendo lucros em diversos ângulos e, dessa forma, precarizando a formação humana. No cenário pandêmico as classes mais pobres tornam-se ainda mais vulneráveis ao trabalho precário que visa maior lucro e menos investimentos, cuja tal realidade afeta de forma direta os alunos da escola pública e os discentes da Educação profissional. As condições de vida têm afetado diretamente o acesso dos jovens ao ensino, isso porque é necessário o uso de meio digitais e também de ambientes que sejam favoráveis ao estudo. A educação sozinha não é capaz de resolver tais problemas que têm se agravado com a pandemia, e como bem ressalta Afonso (2020) é a própria preservação do capitalismo que, em última instância, continua a mobilizar os poderes dominantes.

Para Santos (2017) as atuais propostas ao nível médio de ensino, ou as modificações reacionárias impostas a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), propõem, cada um a seu termo, o empreendedorismo empresarial, como solução para a escola do trabalhador. Nestes termos, o jovem deve aprender a se virar no mercado de trabalho informal. De acordo com Santos (2017), a elite existente na sociedade em que atuamos encara a educação como um negócio ou como qualquer outro, o que importa para os empreendedores é o capital gerado através das negociações que são feitas de forma rápida e prática. Destacamos o que bem esclarece Mészáros (2008, p. 17),

Vivemos atualmente a convivência de uma massa inédita de informações disponíveis e uma incapacidade aparentemente insuperável de interpretações dos fenômenos. Vivemos o que alguns chamam de “novo alfabetismo” – porque é capaz de explicar, mas não de entender típicos dos discursos econômicos”.

9

É neste sentido que defendemos mais investimentos públicos para educação e a participação do jovem nos diversos espaços da sociedade, de modo que este sistema de favorecimento à classe burguesa seja cessado. Através dessas relações ocorrem as transformações que devem ser radicais na esfera educacional para que as melhorias aconteçam de fato. Repensar a educação unificada ao trabalho que fortalece uma dualidade educacional em meio à sociedade desigual em que estamos inseridos, de forma a refletir sobre a proposta educacional para o pobre.

4 Considerações finais

As adulterações ocorridas na educação e no trabalho por meio do capital na sociedade contemporânea é coberta de retrocessos em meio a crises que só aumentam a cada dia, na qual o capital opera com sua destrutividade massivamente tanto na educação, causando estreitamento no acesso ao conhecimento, quanto nos postos de trabalho, com a exploração da força de mão de obra assalariada. Isso se reflete nas diversas reformas existentes no Brasil nos últimos tempos, caracterizado como periférico, que aprofunda cada vez mais a dualidade educacional fortalecida do poder burguês que assola os sistemas educacionais, voltando-se para o mercado de trabalho em busca de lucros para acumulação do capital.

Enquanto professoras atuantes na prática, buscamos questionar sobre o ensino da exclusão, que tem se agravado com o período pandêmico. Cabe ao Estado a garantia de acesso aos alunos sem acesso à internet, não só da Educação Profissional, como toda a educação básica e superior diante do ensino remoto, bem como propiciar formação aos professores, por meio de políticas públicas. Mais do que isso, é dever dele a garantia de vacina a toda população apta a ser imunizada e, posteriormente a esse período, o fortalecimento e o investimento em políticas públicas que contribuam com a educação pública, gratuita, de qualidade socialmente referenciada.

Referências

AFONSO, Almerindo Janela. O retorno do Estado, a crise pandêmica e o keynsianismos de exceção. **Lutas Sociais**, São Paulo, vol.24 n.45, p.216-228, jul./dez.2020. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/53003>. Acesso em: 14 jul. 2021.

FRERES, Araújo de Helena, RABELO, Jackeline, MENDES SEGUNDO, Maria das Dores (artigo) O papel da educação na sociedade capitalista: Uma análise onto-histórica. **5º Congresso SBHE**, 2008. Disponível em:

http://www.sbhe.org.br/novo/congresso/cbhes/pdf/932.pdfcm.sbhe.org.br/congresso/cbhe_2008/trabalho_completo.php?id=932. Acesso em: 01 jul. 2021.

LESSA, Sérgio, TONET, Ivo. **Introdução a filosofia de Marx**. 2.ed. São Paulo, 2011.

MÉSZÁROS, Istvan. **A Crise estrutural do Capital**- 2º Ed. rev.ampliada. - São Paulo: Boi tempo, 2011.

MÉSZÁROS, Istvan. **A Educação Para além do capital**: 2º Ed., São Paulo, Boi tempo- 2008.

MENDES SEGUNDO, Maria Das Dores. **O Banco Mundial e suas implicações na política de financiamento da Educação Básica no Brasil**: O FUNDEF no Centro do debate. (Tese) Doutorado- Programa de pós-graduação em Educação Brasileira- Faculdade de Educação - FACEDEU Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza, 2005.

PAULA, Ruth de, MORAIS, Betânia; COSTA, Frederico. O Projovem e a educação na sociedade contemporânea. In: SANTOS, Deribaldo *et al.* (org) **Educação pública, formação profissional e a crise do capitalismo contemporâneo**. Fortaleza: Educação 2013.

SANTOS, Deribaldo. **Educação e precarização profissionalizante**: Crítica à integração da Escola com o mercado, 1º ed., Instituto Lúkács, 2017.

SANTOS, do Albuquerque Edvaldo, BERTOLDO, Edna. **As determinações do capital na formação do trabalhador**: o ensino médio regular noturno em questão. In: SANTOS, Deribaldo *et al.* (org) Educação pública, formação profissional e a crise do capitalismo contemporâneo . Fortaleza: Educação 2013.

SOUSA JUNIOR, Justino de. **Marx e crítica da educação**: da expansão liberal-democrática à crise regressivo destrutiva do capital. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2010.

ⁱ **Rita Oliveira de Carvalho**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6373-9281>
Universidade Regional do Cariri (URCA)

Mestra em Educação pelo Mestrado Acadêmico e Intercampi em Educação e Ensino (MAIE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pedagoga pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Professora substituta da Universidade Regional do Cariri (URCA). Professora temporária do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica PARFOR (URCA)

Contribuição de autoria: Primeira autoria.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5867204174813134>

E-mail: rythaolicarvalho@yahoo.com.br

ⁱⁱ **Arlane Markely dos Santos Freire**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3929-1629>
Rede municipal de ensino de Crato

Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Professora da rede municipal de ensino de Crato/CE.

Contribuição de autoria: segunda autora

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8569031351213140>

E-mail: arlanemarkely@yahoo.com.br

ⁱⁱⁱ **Edna Xenofonte Leite**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6062-4868>
Rede Municipal de ensino de Crato e Juazeiro

Mestra em Educação pela Mestrado Acadêmico e Intercampi em Educação e Ensino (MAIE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) Pedagoga pela Universidade Regional do Cariri (URCA), Professora temporária do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica PARFOR (URCA); Professora de Educação Infantil nos municípios de Crato e Juazeiro do Norte – CE.

Contribuição de autoria: Terceira autora.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7321229159464337>

E-mail: ednaxenofonte@yahoo.com.br

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

CARVALHO, Rita Oliveira de; FREIRE, Arlane Markely dos Santos. LEITE, Edna Xenofonte. Educação profissional e mercado de trabalho: reflexão crítica. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-11, 2021.